

Algumas notas sobre o Retorno do Religioso na Cultura Actual

Mais do que falar em retorno de espiritualidade, tema hoje tão díspar em orientações e cuja literatura me parece inabarcável, mesmo na velha Europa (para não falarmos dos USA ou do Brasil), situaria o meu modesto e curto contributo em dois âmbitos de reflexão:

- o retorno do religioso no actual pensamento filosófico europeu;
- e os problemas da fé cristã frente a um Cristianismo mais ou menos gnóstico, que contempla apenas a área afectiva do homem, gerando uma fé incolor, inodora e insípida, de que o movimento *New Age* é, simultaneamente, sintoma e paradigma.

1. Breve apresentação do retorno do religioso no pensamento actual

Um dos aspectos mais interessantes no actual pensamento europeu é o retorno da temática, após uma longa época de pensamento crítico e de consideração da religião, como mandava Kant, nos limites da simples razão.

Certo que pensadores eminentes, mais ou menos marginais ao sistema universitário, como Blondel, sempre tiveram em conta este pensamento. Mas a actual qualidade e quantidade desta temática, permite-nos pensar numa quase viragem relativamente ao passado recente.

Certo que as análises críticas da secularização, em tom excessivo, como caminho irreversível, sempre foram mais apanágio de teólogos (entre eles E. Schillebeeckx) que de filósofos. Certo também que a actual Teologia tem tido mais pudor em integrar os contributos da Filosofia, que

a mesma Filosofia tem tido abertura ao simbólico e ao transcendente. Mas nem uma coisa nem outra nos impedem de pensar e de dizer que assistimos hoje a um sólido retorno do religioso no âmbito das tarefas da razão moderna (não digo pós-moderna).

Mais do que estudar os pensadores em que este retorno dum diálogo entre a razão e religião é importante – Ricouer, Levinas, Habermas, Eugénio Trias, Gianni Vattimo, Derrida, Jean Luc Marion, Michel Henry – para falarmos apenas dos mais importantes, importa salientar os aspectos mais salientes do seu trabalho.

a) O carácter redutor da racionalidade moderna

O carácter redutor da racionalidade moderna tem sido descoberto a partir do retorno da memória. Visto assim o pensamento moderno racionalista tem sido criticado por tratar apenas do óbvio, esquecendo o profundo.

Em resultado desta metodologia tem-se caído naquilo que Eugene Trias chamou “o obscurecimento do símbolo”.¹

O contributo de Wittgenstein para mostrar que a razão apenas nos permite pensar dentro duma linguagem a que não podemos escapar, como se fossemos moscas aprisionadas dentro duma garrafa, foi notável. E daí a pergunta: pensamos dentro dum espaço determinado pela linguagem ou atingimos a realidade tal como é?

Conhecemos, pois, melhor os limites da razão. E desde logo, a hipótese de novas explicações, menos dependentes de mestres consagrados.

Para a fé, a insistente análise dos limites da razão (e não da consideração de tudo nos seus limites, como queria Kant) tem levado a ciência a passar das tentações anti-teístas, que eram as do positivismo do século XIX, que alguns chamaram cientismo, a uma atitude dita de “ateísmo metodológico”, deixando a ciência de referir as questões do sentido; concomitantemente a Filosofia fez uma espécie de retirada sobre as pretensões metafísicas de negar a existência de Deus. A asserção de Vattimo de que já não há razões para ser ateu, ilustra o que vimos dizendo.

Todavia as condições metodológicas que não permitem ser ateu, estão também aí para a aparição dum mundo de deuses, ou dum “politeísmo”, como pretendia Max Weber, hoje fácil de reconhecer num certo retorno de

¹ Pelo começo dos anos setenta publicava Eugénio Trias a notável obra *A Filosofia e sua sombra*, tentando submeter a razão ilustrada a uma espécie de cerco em relação com as suas sombras. Sempre esta preocupação de dialogar com o limite esteve no centro das preocupações deste notável pensador.

deuses e demónios, também dum rumor de anjos, numa Europa pós-nacionalista. Ao mundo dos deuses e dos anjos podemos juntar a paixão pelo arcaico e pelo narrativo, com o retorno das tradições, das feiras medievais ou das medicinas paralelas e da paixão pelos Horóscopos, para já não falarmos da nebulosa mística esotérica, enfim uma glória distante, como diz Peter Berger.²

b) Um novo modo de falar de Deus

Os autores mais sensíveis à situação da razão moderna, como G. Vattimo, salientam o declínio dos meta-relatos e a conseqüente crise das fundamentações no discurso moderno.

Contava Pedro Laín Entralgo, no final de seu belo livro *Sobre la amistad*³ que apareceu na revista *China'a Medicine* um par de trabalhos sobre “o tratamento das formas instáveis da diabetes sacarina à luz do pensamento de Mão Tse Tung”. De facto no pensamento onto-teológico, como nas ideologias, a realidade era colocada num espécie de relato abrangente que a ultrapassava e legitimava sua pretensão à verdade.

O ridículo da razão envolvida em tais justificações, é hoje melhor conhecido após a queda do Marxismo.

Os autores falam hoje no fim das grandes transcendências abstractas e no retorno dum pensamento Kenótico, palavra bem conhecida da Teologia e que significa um certo obscurecimento do pensamento, para dar mais lugar à experiência, para dar lugar a pequenas encarnações ou vislumbres de presenças verdadeiramente reais.⁴

Um dos mais belos exemplos deste modo de falar ou abordar o real, muito próximo dos grandes místicos católicos é o de G. Steiner, para quem Deus é transcendência abstracta, mas presença real dum ser significante. Ora para Steiner a sarça ardente, símbolo admirável do grande livro do Ocidente, a Bíblia, é significativo para toda a cultura, na medida em que lhe assinala a própria ausência/presença de Deus. Os próprios títulos de G. Steiner, são sugestivos, desde *No Castelo do Barba Azul*⁵, a única que conhecemos em português, a *Presenças reais*.⁶

² *Una gloria lejana. La búsqueda de la fe en época de credulidad* (Barcelona 1994).

³ Pedro Laín Entralgo, *Sobre la amistad* (Madrid 1985) 325.

⁴ Sobretudo G. Vattimo, *Crear que se cre* (Barcelona 1982).

⁵ G. Steiner, *No castelo do Barba Azul* (Lisboa 1992).

⁶ Id., *Presencias reales. Hay algo em lo que decimos?* (Barcelona 1992).

c) *A transcendência no rosto de outrem. Transcendência e ética*

A obra de Lévinas, te, toda ela, como centro, a diferença entre falar sobre Deus e falar dum Deus que se revela na tradição judeo-cristã, o Deus do rosto.

Na tradição judaica Deus é o rosto e o rosto ensanguentado de Jesus é justamente o contrário dos ídolos de Deus, criados pelo Homem.⁷

A obra de Lévinas, um judeu lituano que partiu da simbólica bíblica, mostrou que é na profundidade do rosto e da sua alteridade que se apresentam o vestígio, e seu apagar, a glória e a humilhação e também, mais que em nenhum lugar o mistério da ausência e da transcendência que o salmo resumiu naquele versículo “a luz do teu rosto, Senhor, está assinalada sobre nós”.⁸

d) *O potencial simbólico da Religião*

Uma coordenada comum a todos os pensadores actuais é a do potencial simbólico da religião, entendendo por isso a sua capacidade de criar correntes de comunicação e de vida.

Neste sentido podemos ler a obra de J. L. Marion, sobretudo *L'idole et la distance*, bem como sua crítica a Descartes, além de alguma recente obra de J. Habermas que recentemente, em Frankfurt, falava no extraordinário potencial simbólico da religião, como condição fundamental para a sobrevivência da razão.

Na mesma linha, Eugénio Trias, numa conferência recente⁹ analisava a sobrevivência do religioso como absolutamente necessário para manter, segundo as suas palavras, o real diante de sua sombra, sem o que não haveria perspectiva do real.

2. As espiritualidades na era da rarefacção do racional

As espiritualidades que têm preenchido este distanciamento de Deus e da razão, são, não raro, de grande debilidade, tanto nas fronteiras do Catolicismo, como fora delas.

⁷ Sobretudo *Fuera del sujeto* (Madrid 1977) 117.

⁸ Cf. Etelvina Pires Lopes Nunes, *O outro rosto. Problemas da alteridade em Emmanuel Lévinas* (Braga 1993); cf. E. Lévinas, *Da Evasão* (tr. de André Veríssimo) V. N. Gaia 2001.

⁹ Eugénio Trias, “Razon y religión el fin de milénio”, em *Revista catalana de Teologia* XXV, 2000, 509-523.

Para utilizar as palavras de F. Nietzsche vivemos num mundo que podíamos classificar de busca de novos deuses.¹⁰

Assistimos, de facto, a uma banalização do sagrado e a sua difusão neutra, situação que tem aparecido particularmente nas idiossincrasias sectárias, sobretudo a *New Age*, mas também no desenvolvimento de formas arcaicas do religioso, que vão do culto do diabo a missas negras, do espiritismo às Igrejas cientológicas, etc.. Escusado será dizer que a situação é, provavelmente, mais difícil do que aquela que existia no tempo dos ateus honrados.

Nos inícios de 2003 foi publicado um documento sobre a *New Age* pela Santa Sé, envolvendo o Conselho Pontifício para a Cultura e o Pontifício para o diálogo inter-religioso.

Esse documento de que a revista *Brotéria* fez uma excelente apresentação¹¹ destaca o contraste entre este movimento e a fé cristã e deve ser lido para melhor se compreender a diferença entre os movimentos espirituais e as espiritualidades alicerçadas na tradição cristã.

Intitulado Jesus Cristo, portador da água viva, uma reflexão sobre o movimento Nova Era¹², denuncia este texto as raízes e o enquadramento duma espiritualidade que, como a gnose dos primeiros séculos do Cristianismo, tenta uma harmonização de várias tendências, dissolvendo o núcleo do Cristianismo numa harmonia do self, apresentando-se, como a gnose, com o perfil duma doutrina salvacionista.

O diagnóstico traçado por este texto, a nosso ver, para discernimento de muitas tendências actuais do religioso: ressalva-se a necessidade de ter em conta e revelação dum deus pessoal, contra um divino vago, a importância da narrativa bíblica como lugar de identidade do Cristianismo, e enfim o lugar da comunidade eclesial, como corpo de aferição da verdade.

Deste simples e mais do que modesto bosquejo do retorno, na Filosofia, do religioso e do transcendente e do retorno gnóstico, como racionalidade discreta e invasora, parece poder concluir-se que a afirmação, tantas vezes proferida, dum Ocidente tornado enfim espiritual, merece mais do que uma resposta de tipo exclusivamente espiritual.

Não basta, provavelmente, uma resposta, ainda que serena e avisada de tipo espiritual ou místico, como alguns se esforçam por dizer e fazer.

¹⁰ Citado por Paul Valadier, *Nietzsche, l'athée de rigueur* (Paris, DDB 1975) 150 e s.

¹¹ *Brotéria*, 158 (2000) 7-28.

¹² Lisboa, Paulinas 2003.

O combate mais importante continua a ser, quiçá, o das relações entre a razão e a fé.

Neste sentido, o Catolicismo actual, ou uma boa parte dele, sem verdadeiro debate intelectual, enviando simplesmente ao espiritual e ao místico, esquece a verdadeira tradição desse mesmo Catolicismo. Não foi verdade que logo no século II, o Cristianismo estava organizado na harmonia entre o racional e o espiritual? E não é verdade que o mesmo aconteceu na Idade Média, com os movimentos de franciscanos e dominicanos? E não aconteceu o mesmo após Trento com a reforma inaciana e carmelita?

Essa foi a regra. Essa é a regra. "Um novo Cristianismo", como querem alguns (de facto não sabem o que querem) para ser duradouro e crível, terá de aceitar o debate contraditório com a razão.

A actual hipertrofia do espiritual, tanto nos movimentos gnósticos, como nos católicos, tem-se feito, não raro, em detrimento do racional e desde logo do humanista, por falta de referências teológicas e antropológicas, acabando assim, depressa, em crise próximas de subjectividades exaltadas, bem longe de espiritualidades à altura dos tempos.

ARNALDO PINHO